

#cm
2
QUINTA A DOMINGO



Fafá de Belém **(e do Brasil)**

Cantora que **nunca saiu de Belém** - mesmo quando **conquistou o Brasil e o mundo** com sua arte -, **Fafá de Belém celebra 50 anos de carreira** nesta sexta (5) no **Circo Voador** com um show que revisita suas origens com várias referências à **sua Amazônia natal**. Página 2

‘Há 50 anos eu falo da Amazônia’

Fafá de Belém reúne de sua região para celebrar 50 anos de uma carreira de grande sucesso

AFFONSO NUNES

Fafá de Belém nunca saiu de Belém — mesmo quando saiu. A mais célebre das cantoras paraenses comemora 50 anos de carreira, uma trajetória que, vista de perto, revela-se um permanente diálogo da com suas raízes amazônicas. Sua apresentação nesta sexta-feira (5) no Circo Voador mostra que essa ligação está cada vez mais sólida, cada vez mais consciente. “Há 50 anos eu falo de Amazônia, de Belém, de Norte, do Pará, de cultura, de floresta”, pontua artista.

Nascida Maria de Fátima Palha de Figueiredo na capital paraense, Fafá construiu uma carreira sólida, mas o sucesso nunca ofuscou seu olhar regional. Carismática, dona de um senso de humor única e da gargalhada mais gostosa do Brasil, ela ganhou projeção nacional em 1975, quando “Filho da Bahia” integrou a trilha sonora de “Gabriela”, uma das novelas mais conhecidas no Brasil e no exterior. Desde então, sua voz ecoou nas televisões, rádios e palcos — mais de 50 canções suas foram inseridas como temas de novelas e especiais de TV.

Gravou mais de 30 álbuns, ultrapassando a marca de 15 milhões de discos vendidos. Conquistou prêmios de melhor cantora, virou celebridade em Portugal — onde também possui cidadania — e se tornou embaixadora da Unicef na região amazônica.

Mas o que distingue Fafá não é apenas o alcance de sua carreira. É a forma como, ao longo de cinco décadas, ela manteve viva a conversa com suas origens. O espetáculo “Fafá de Belém: O Musical”, recém-encenado no Rio, materializa essa verdade. O musical produzido por Jô Santana tece a história pessoal de Fafá com a história política e cultural do Brasil, passando pela Amazônia, pelo Círio de Nazaré e pelos valores identitários que definem sua obra.

No show do Circo Voador, essa conexão ganha corpo novamente. A



Adriano Gambarini/Divulgação

Nem mesmo o sucesso no Brasil e no exterior afastou Fafá de suas origens amazônicas



Derso Oliveira/Divulgação

Suraras do Tapajós é um grupo de carimbó formado apenas por mulheres



José de Holanda/Divulgação

Mestre da guitarrada, Manoel Cordeiro leva os ritmos amazônicos ao show da amiga Fafá

apresentação é trabalhada na guitarrada paraense, com participação do mestre Manoel Cordeiro — um dos grandes nomes da música amazônica. Fafá mistura sucessos como “Nuvem de Lágrimas” e “Coração do

Agreste” com faixas do disco “Do Tamanho Certo para o Meu Sorriso”, lançado recentemente. O repertório inclui ainda versões de outros artistas que reforçam as raízes paraenses: “Asfalto Amarelo” (Manoel

Cordeiro/Felipe Cordeiro/Zeca Baleiro), “Volta” (Johnny Hooker) e “Pedra Sem Valor” (Dona Onete). Cada escolha é um fio que a conecta ao Pará, ao carimbó, à floresta, às águas que moldaram sua sensibi-

lidade artística. Tudo tão regional, tudo tão brasileiro.

A noite terá show de abertura das Suraras do Tapajós, que fazem sua estreia no Rio. O grupo é o primeiro coletivo de carimbó do Brasil formado exclusivamente por mulheres indígenas. Originárias de Alter do Chão, em Santarém — território do povo Borari — as Suraras se consolidaram como referência da música indígena. O repertório do grupo mescla composições autorais com clássicos da música paraense de mestres como Dona Onete, fortalecendo a cultura regional com letras que exaltam a natureza, a força feminina e a relação profunda de seus povos com as águas e territórios. No palco, utilizam curimbós, maracas de cuia, banjo e violão, com arranjos vocais que seguem a tradição do gênero. A coreografia convida o público para participar em uma grande roda.

Nos intervalos, o coletivo Vitrola Aberta — formado pelas DJs Bibi Grácio, Tha Redig e Yasmin Lisboa — comanda a pista com uma seleção musical que mantém a energia de uma noite sorridente como Fafá.

SERVIÇO

FAFÁ DE BELÉM - 50 ANOS DE CARREIRA

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
5/6, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos a partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

Sem a pretensão de melhorar o que já é perfeito

Com as bençãos de Baden Powell, Vinicius de Moraes e dos orixás, Marcos Sacramento e Zé Paulo Becker apresentam sua releitura d'Os Afro-Sambas', um monumento sonoro da música brasileira



Divulgação

Baden Powell e Vinicius criaram um álbum fundamental para a música brasileira



Zé Paulo Becker e Marcos Sacramento recebem convidados especiais nesta celebração a um dos maiores álbuns da MPB de todos os tempos

AFFONSO NUNES

Seis décadas depois de sua criação, “Os Afro-Sambas” — o icônico álbum de Baden Powell e Vinicius de Moraes — ainda reverbera (e muito). Tanto que acaba de ganhar releitura com os talentos do cantor Marcos Sacramento e do violonista Zé Paulo Becker. O show de lançamento do álbum “Afro-Sambas 60 anos - Marcos Sacramento & Zé Paulo Becker” será neste sábado (6), às 20h, no palco do Teatro Rival Petrobras que acaba de lançar pela Biscoito Fino um disco homônimo e apresenta o espetáculo de lançamento neste sábado, 6 de junho, no Teatro Rival Petrobras.

Sacramento e Becker partem da formação essencial que estrutura o original — a força bruta da voz e do violão. O novo álbum revisita as oito canções do disco de 1966 (“Canto de Ossanha”, “Berimbau”, “Tristeza e Solidão”, “Bocoché” e outras) e incorpora quatro compo-



Capa de os Afro-Sambas 60 Anos e a capa do álbum original, de 1966, lançado pela gravadora Forma

sições que orbitam o mesmo universo poético e rítmico: “Berimbau”, “Consolação”, “Tempo de Amor” e “Labareda”.

Para entender a relevância d’“Os Afro-Sambas” precisamos voltar a 1966. Naquele ano, o violonista e o poeta se debruçaram sobre um projeto ambicioso: conectar a canção brasileira às raízes africanas de forma orgânica, sem qualquer traço de folclorismo. E o fizeram trancafiados por dias no apartamento de Vinicius, sem sair de lá. O resultado desses dias de reclusão? Um ál-

bum de 32 minutos que se tornou um marco na história da música brasileira. Gravado em janeiro de 1966 pela gravadora Forma, “Os Afro-Sambas” reuniu composições que evocam a força dos orixás e sonoridades ancestrais da memória afro-brasileira, mas embalados pela sofisticação harmônica de Baden e verve do Poetinha.

A obra não foi um sucesso comercial imediato, mas conquistou respeito duradouro entre músicos, críticos e pesquisadores. Décadas depois, é considerada uma das

obras-primas da época dourada da música brasileira, eleita entre os maiores álbuns da história do país. Baden e Vinicius abriram caminhos ao tratar de ancestralidade africana, de espiritualidade e de identidade negra através de um álbum de pura sofisticação.

Nesta releitura, Sacramento e Becker reuniram convidados de peso. Ney Matogrosso faz dueto com sacramento em “Canto de Ossanha”; a faixa mais popular do álbum original; Roberta Sá entra em “Canto de Yemanjá”; Fabiana Coz-

za em “Tristeza e Solidão”. Vozes da nova geração, Juliane Gamboa está em “Bocoché” e Ilessi em “Canto de Xangô”.

O virtuoso violão de Yamandu Costa conversa lindamente com o de Zé Paulo Becker em “Tempo de Amor”. E o Trio Madeira Brasil participa de “Consolação”. O trombone de Silvério é destaque na festiva “Labareda”.

No palco do Rival, Sacramento e Becker têm o reforço dos percussionistas Netinho Albuquerque e Leonardo Dias.

O novo trabalho de Sacramento e Becker não tenta o impossível, isto é, melhorar o que já é perfeito. Mas mantém viva uma estética que Baden e Vinicius introduziram na canção popular brasileira

SERVIÇO

MARCOS SACRAMENTO E ZÉ PAULO BECKER - AFRO-SAMBAS 60 ANOS
teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
6/6, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 50

Anavitória faz escala no Rio nesta sexta (9) em mais uma versão de sua Turnê dos Namorados

O amor em todas as suas formas

AFFONSO NUNES

Vem chegando o Dia dos Namorados e com ele mais uma edição da Turnê dos Namorados das cantoras Ana Caetano e Vitória Falcão, o duo Anavitória nesta sexta-feira (5), às 21h30, no Qualistage. O clima de romance está no ar.

Formado em Araguaína (TO) em 2015, a dupla conquistou seu lugar na cena musical brasileira, misturando pop, MPB e folk com uma autoralidade de ares confessionais com canções que falam de amor, autodescoberta e vulnerabilidade como “Trevo”, “Fica”, “Pupila”, “Agora eu Quero Ir”, “Singular”, “Porque Eu Te Amo”, “Tenta Acreditar” e “Lisboa” - um repertório que acumula mais de 2 bilhões de streamings nas plataformas digitais e conquistou reconhecimento internacional.

A dupla conquistou o o Grammy Latino em quatro ocasiões: em 2017, com “Trevo (Tu)” na categoria Melhor Canção em Língua Portuguesa; em 2019, como Melhor Álbum Pop em Língua Portuguesa; em 2021, novamente com duas vitórias — Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa e Melhor Canção em Língua



Divulgação

Sensação da cena pop brasileira, o Anavitória celebra dez anos de estrada

Portuguesa por “Lisboa”.

O repertório do show no Qualistage acena carnhosamente para os fãs da banda com uma mescla dos sucessos pinçados de seus cinco álbuns de estúdio: o homônimo de 2016, “O Tempo é Agora” (2018), “Cor” (2021), “Esquinas” (2024) e “Claraboia” (2025).

Este último marca uma virada estética na trajetória do Anavitória

— apresentado como a contraparte mais íntima e orgânica de “Esquinas”, o disco traz 20 faixas com participações de Rubel e Bruno Berle, ampliando o universo poético da dupla em uma fase mais despojada e experimental. Com mais de 6 milhões de ouvintes mensais e 15 milhões de seguidores nas redes sociais, AnaVitória segue consolidando sua presença tanto no Brasil

quanto internacionalmente, com turnês bem-sucedidas pela América Latina, América do Norte e Europa.

A Turnê dos Namorados, em sua 9ª edição, propõe uma experiência que celebra o amor em todas as suas formas — tema que permeia a obra das cantoras desde o início. A turnê passou nesta quinta (4) por Belo Horizonte e depois do rio segue para Recife (neste sábado, 6),

Fortaleza (domingo, 7) e São Paulo (quarta-feira, 10).

SERVIÇO

ANAVITÓRIA — TURNÊ DOS NAMORADOS

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca) 5/6, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 90

CRÍTICA DISCO | DE DENTRO DO FUTURO

POR AQUILES RIQUE REIS*

Gosto da imagem da música sendo um rio. Assim como ele, nada a impede de seguir em frente; a cada obstáculo, uma reviravolta; a cada obstrução, um renascer. A música tem o destino dos rios: ir ao mar ou voltar na direção oposta, mas sempre atento aos afluentes que renovam os seus andamentos. Somando-se, seguindo e adaptando-se, ambos se renovando, música e rio são eternos mananciais de cultura. Não adianta tentar impedi-los de seguir seus destinos, eles nunca se dobram — reinventam-se, criam soluções que ninguém suspeita existir. A música age como o rio ao cruzar fronteiras; em cada lugar se dá a pegar suas raízes. O músico e o pescador conhecem suas gentes, sabem-lhes a alma, gosto e rosto. A harmonia de um assemelha-se à sabedoria do outro, e assim vão em contínua progressão. Ora agitação,

ora mansidão, seus frutos alimentam vidas e a cidadania.

Esta reflexão pintou após a audição do EP “De Dentro do Futuro”, do compositor e intérprete Guilherme Rondon, gravado ao lado dos jovens instrumentistas do Duo Beck e Montanaro. Os três são rio e são música. Tudo os liberta. Tudo é fluxo, nada é dique.

Em “De Dentro do Futuro”, os versos sobrevoam as águas, se misturam a elas e se fazem poesia. Violão, flauta e piano são redes que apreendem os sons que a água conduz, como numa sinfonia que multiplica peixes, num milagre revivido que alimenta quem precisa deles para ser.

Guilherme Rondon, a música

A música e o rio



Divulgação

e a voz, Rafael Beck, a flauta, Felipe Montanaro, o piano, navegam pelas águas do rio/música. Tudo isso enquanto criam a música que os define: Rondon é pantaneiro, Rafael e Felipe são paulistas, os três são o que os identifica como músicos brasileiros.

Aqui três das quatro faixas do EP.

“Sonho Inca” (Guilherme Rondon): a flauta saltita, o piano vem e a intro conduz à voz poderosa de Rondon. Sua força se revela por entre as artes dos meninos. Um breve intermezzo de flauta e piano chama os versos, versos de Rondon!

“Isso e Aquilo” (GR): os três vão soltos, levados pela música/rio que os consagra. Piano e flauta tocam suave até que Rondon se ache e canta “(...) O vento que vem do mar/ A estrela que despontou/ Nas águas do meu olhar/ A luz que te descansou (...)”.

“Hora Cortada” (GR): a flauta embala o clima. A delicadeza do piano antecede a poesia de Ron-

don: “(...) Meu rio a correr/ Espera/ Pois a solidão me consome/ Saudade tem hora contada/ Está por um triz/ Eu vou voltar/ Eu já nem sei/ Por que saí/ Da minha casa (...)”.

Eis o trabalho tão luminoso quanto os rapazes que se juntaram para transformar De Dentro do Futuro num rio por onde navega a música. Ouça o EP em <https://s1lnk.com/bwzeqx6>.

Ficha técnica

Guilherme Rondon: voz e composições; Duo Beck Montanaro — Rafael Beck: flauta, Felipe Montanaro: piano; Duo Beck Montanaro: arranjos; Gargolândia: gravacao; Miranda.musica e Paulinho Nunes: captação; Luis Paulo Serafim: mixagem e masterização.

*Vocalista do MPB4 e escritor

O reencontro de dois artesãos sonoros

Cristóvão Bastos e Rogério Caetano lançam segundo álbum da dupla em concerto gratuito no Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

Palco de ótimas atrações musicais gratuitas, o Sextas Instrumentais do Espaço Cultural BNDES recebe nesta semana Cristóvão Bastos e Rogério Caetano. O pianista e o violonista fazem o show de lançamento do álbum “Cristóvão Bastos e Rogério Caetano – Ao Vivo” (Biscoito Fino). O trabalho marca a celebração dos 80 anos de Bastos.

A dupla reúne dois dos principais instrumentistas brasileiros em uma formação inédita: piano e violão de 7 cordas de aço. O repertório do disco é proporcional ao ecletismo dos dois instrumentistas: samba, choro, forró e valsa, com 12 faixas que alternam composições solo, trabalhos em dupla e parcerias com outros músicos. O álbum foi gravado ao vivo no Teatro Paiol, em Curitiba, em maio de 2024, e chegou às



Isabela Espíndola/Divulgação

plataformas digitais em janeiro.

Cristóvão Bastos é compositor, pianista, arranjador e diretor musical com trajetória consolidada na música brasileira. Trabalhou com nomes como Chico Buarque, Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Áu-

Cristóvão Bastos e Rogério Caetano retomam parceria premiada em registro de apresentação ao vivo da dupla

rea Martins e Paulinho da Viola, além de criar arranjos para álbuns de Nana Caymmi, Edu Lobo, Elza

Soares, Miúcha e Gal Costa. Rogério Caetano, goiano de 49 anos, é referência no violão 7 cordas e músico requisitado em trabalhos de João Bosco, Zeca Pagodinho, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Ivan Lins, entre outros.

O primeiro trabalho da dupla, lançado em 2020, foi indicado ao Latin Grammy 2021 na categoria Melhor Disco Instrumental. A turnê daquele projeto originou o registro ao vivo que agora chega ao público em show. “A música tem essa magia: somos apenas duas pessoas, a diferença de idade não conta”, comenta Cristóvão Bastos sobre a parceria. “Este álbum está sendo lançado no ano em que vou completar 80 anos, e ele será a primeira celebração dessa volta importante em torno do sol.”

O encontro entre os músicos é marcado por cumplicidade e admiração mútua. Segundo Cristóvão, a versão ao vivo captura “conversas de dois amigos, que fluem com ou sem instrumentos”. O show revela a profundidade da música brasileira sob a leitura segura de dois artesãos sonoros

SERVIÇO

CRISTÓVÃO BASTOS E ROGÉRIO CAETANO

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro) 6/6, às 19h

Entrada franca, com retirada de senhas a partir das 18h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ava Rocha revê seu premiado álbum de estreia

Ava Rocha apresenta nesta sexta (5), no Teatro Rival Petróbras, show especial para celebrar uma década de seu álbum de estreia, o premiado “Ava Patrya Yndia Yracema”. Acompanhada por banda formada por Marcelo Callado, Marcos Campello, Eduardo Manso, Felipe Zenicola e Jonas Sá, a artista percorre seu repertório mesclando MPB, grooves afros e amazônicos com poesia e improviso.



Divulgação

Tori mostra suas canções autorais no BNDES

A cantora e compositora sergipana Tori apresenta seu segundo álbum, “Areia e Voz”, nesta quinta (4), às 19h, no Espaço BNDES. Lançado em outubro de 2025 pela Gravadora Guano, o trabalho mistura influências de MPB, psicodelia e rock. No repertório do show, a artista seu trabalho com releituras para canções de autores como Gilberto Gil e Alceu Valença.



Elisa Maciel/Divulgação

Edu Falaschi participa da festa Metal Jam

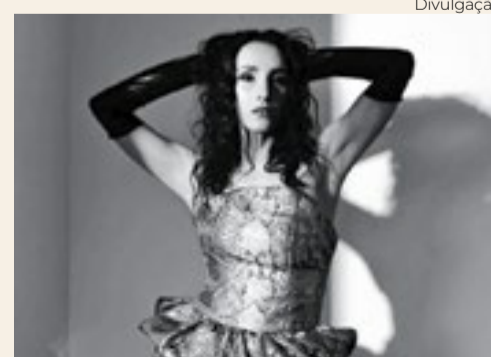
Já virou tradição. A festa Metal Jam celebra 22 anos com apresentação especial no Circo Voador neste sábado (6). O evento contará com o ex-vocalista do Angra Edu Falaschi (foto) e Thiê Rock (Lion Heart) em uma noite dedicada aos clássicos do rock e metal. Os portões abrem às 19h. A festa reúne músicos de diferentes gerações em torno da tradição do gênero.



Jeff Marques/Divulgação

Lia Paris e a chanson française

A cantora e compositora Lia Paris apresenta uma releitura de clássicos da chanson francesa no Blue Note Rio neste sábado (6), às 20h. O espetáculo revisita sucessos de Édith Piaf como “La Vie en Rose”, “Non, Je Ne Regrette Rien” e “Padam Padam”, além de obras de Brigitte Bardot, Serge Gainsbourg e Carla Bruni. A performance da brasileira radicada na França também inclui releituras de Zaz e Barbara Pravi.



Divulgação

CRÍTICA TEATRO | MEU FILHO É UM MUSICAL

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A proeminência de
Paulo Gustavo

Há cinco anos o ator Paulo Gustavo partiu e outorgou um legado indescritível, que converte-se no musical esmerado “Meu Filho É Um Musical”, numa idealização de sua mãe, dona Déa Lúcia, sua irmã Ju Amaral e a produtora Renata Borges. O palco descortina-se e a audiência é comovida por “Fascinação”, eternizada por Elis Regina, nas vozes da progenitora real e da fictícia vivida pela ótima Stella Maria Rodrigues, compartilhando o desenho maternal que lhe foi atribuído com brilhantismo. Desde a infância e a juventude clubber em Niterói, o texto de Fil Braz e colaboração de Beatriz Coelho, revela o surgimento de um artista e de uma estrela aclamada por todo o país.

A vida sem perspectiva na cidade sorriso – já em comunhão ao humor do artista, os dissabores pelos quais a mãe enfrentava para criar seus dois filhos, a luta e perseverança de uma família unida, transformando o intérprete de sua própria procriadora em sucesso. Ao assistir a fábula infantil “O Gato de Botas”, influenciando-o ainda menino, a personagem central percorre toda a encenação em apuro técnico de Fabrício Negri. Os embates pelo preconceito, os primeiros testes, a sagacidade de transmutar sua história em arte. O encontro auspicioso com o cinema e a televisão, que difundiu o talento nato de um dos nossos maiores comediantes.

Uma valorização da teatralidade está imposta na condução de João Fonseca e Ju Amaral, já que habitava no próprio homenageado um estado teatral. A dupla equilibra todas as funções do espetáculo de bom gosto. Extrai o melhor do elenco, sustentando com galhardia a difícil tarefa de guiar o jovem ator João Pedro Chaseliov – que divide a personagem com Pierre Baitelli – na composição do ícone brasileiro. Somos abarcados pelo riso e pela tragédia com sabedoria, sem permitirem que as pontas desamarrem-se e que todo o tempo não mantenha-se preenchido genuinamente.

Paulo Gustavo é recriado na pele de João Pedro Chaseliov,



Paulo Gustavo é recriado na pele de João Pedro Chaseliov, que trafega sem tropeços na construção psicofísica do personagem

que trafega sem tropeços na construção psicofísica da impersonação. O ator brilha do início ao fim sem perder o timing, estabelecendo impressionante conexão com o todo. É seguro e o dueto com Stella Maria Rodrigues ao final é emocionante, aliás, a atriz experiente canta e encanta poderosamente. Castorine é outro ponto alto da montagem, domina com perfeição seu lado humorístico, constrói com sensi-

bilidade o amor incomensurável que Juliana mantinha pelo o irmão, além de possuir um timbre abençoado, que ressoa como uma cotovia. A cena em que canta ao lado de Guilherme Baleixo, em ótima performance, evocando o passado é suco de afeto. Marcelo Varzea arquiteta seu Júlio com sapiência. A Iesa de Josie Antello é marcante, tamanho o talento da atriz. Cris Pompeio e Valéria Barcellos destacam-se em todos

Divulgação

os seus respectivos papéis. Nina Vargens já demonstra aptidão para o palco. E Lucas Colombo - afinadíssimo, Talita Castro, Pedro Madeira, Gaspar, Thiago Voltolini, Luiza Lewicki, Oscar Fabião, Fernanda Sabot, Elizandra Souza, Bella Moraes, Miguel Venerabile, Ivana Tkotz e Gabriel Gentil completam o elenco.

Nello Marrese transporta a Grécia, edificando pilastras e paredão de mármore, num panteão de arquétipos, com máscaras do teatro, numa acertada alusão à tragédia e comédia, pelas quais configurou-se a passagem do ator pela vida. A escadaria transporta-nos para uma espécie de Olimpo pop, numa ideia de que Paulo ergueu-se aos céus ou metamorfoseou-se na Beyoncé que tanto idolatrava. Theodoro Cochran cria uma indumentária grega para o coro, fortalecendo uma leveza cênica, colore todo o seu figurino inventivo, com destaque para o branco e diáfano final. O visagismo de Anderson Bueno é pitoresco. Dani Sanches oscila entre contrastes, onde a dor e a felicidade transitam concomitantemente. O corte seco de um blackout que presente a morte é a metáfora exata de quem sabe iluminar para teatro. Tony Lucchesi assina arranjos delicados, repleto de modulações emocionais, evidenciando o talento vocal do elenco, além de articular uma direção musical que dialoga com a narrativa, enriquecendo o viés pilhérico e pungente da encenação. As coreografias e direção de movimento de Alonso Barros são precisas, reforçando a comicidade intrínseca da história.

Paulo Gustavo com seu humor afiado e peculiar perpetuou a gargalhada numa nação. Nem mesmo uma pandemia e os ignorantes para dizimarem o talento avassalador de um artista inigualável. Corram ao teatro para emocionarem-se!

SERVIÇO

MEU FILHO É UM MUSICAL
Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3900 - Piso SS13)
Até 19/7, de quarta a sexta (20h), sábados e domingos (16h e 20h)
Ingressos entre R\$ 25 e R\$ 360

Somos abarcados pelo riso e pela tragédia com sabedoria, sem permitirem que as pontas desamarrem-se



—
VEM VIVER O MAIOR CIRCUITO
DE FESTAS JUNINAS DO RIO.

≡ de 4 JUN a 18 JUL ≡

MAIS DE 20 CIDADES

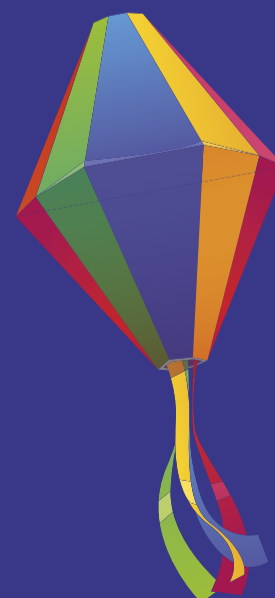
- ▣ Quadrilhas
- ▣ Pescaria
- ▣ Forró
- ▣ Espaço infantil
- ▣ Brincadeiras
- ▣ Oficinas
- ▣ Comidas típicas
- ▣ E muito mais

Ingressos a partir de R\$ 7,00

Confira a programação completa em:
SESCRIO.ORG.BR



A maior marca de bem-estar social do RJ.



SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

TIM BERNARDES

*Um dos nomes mais celebrados da novíssima MPB, cantor e compositor paulistano encerra a turnê de "Mil Coisas Invisíveis", seu segundo álbum de estúdio, lançado em 2022. Dom (7), às 20h. Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique, 85 - parque do Flamengo). A partir de R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

BETO SAROLDI

*O saxofonista, compositor e produtor musical apresenta o show "Vale Night". No palco, Saroldi assume o sax e os vocais ao lado de sua nova banda, Funk Brothers, formada por Rafael Sena (piano e synth), Régis Alves (baixo), André Amon (bateria) e Bárbara Paiva (voz e violão). Sex (5), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

TREM MINEIRO, UAI!

*A banda celebra a melhor música mineira de todos os tempos e faz uma emocionante homenagem à música mineira, ao Clube da Esquina e ao saudoso Lô Borges. Sáb (6), às 17h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

HOMENAGEM A VICTOR ASSIS BRASIL

*Concerto especial em homenagem ao lendário saxofonista, um dos músicos mais importantes da história do jazz no Brasil e referência internacional do saxofone moderno. Qui (4), às 20h. Áudio Rebel (Rua Visconde de Silva 55 - Botafogo). R\$ 50

CINEMA

GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO

*O cultuado documentário do cineasta Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), será exibido em sessão seguida de debate com a curador da Sessão LC Barreto, o crítico Rodrigo Fonseca. Sáb (6), às 16h. Casa Firjan (R. Guilhermina Guinle, 211 - Botafogo). Grátis

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

*O clássico de Bruno Barreto é a atração desta semana no projeto CineBacante, que une cinema e intervenções filosóficas com o professor Ricardo Santoro. Ter (9), às 20h. R\$ 30



Garrincha, Alegria do Povo



O Céu da Língua

TEATRO

O DRAGÃO

*Uma cidade sufocada há 400 anos sob o jugo de um dragão de três cabeças é o ponto de partida desta fábula política de Eugène Schwartz. Até 8/6, de sex a seg (20h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

MEDEIA

*Este mito grego condensa amor, traição, ambição política e violência na mesma trama. Até 2/6, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

ESPELHO MÁGICO

*Musical conta a história dos 60 anos da TV Globo através de seus personagens marcantes. Até 26/7, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 50 e R\$ 180

O CÉU DA LÍNGUA

*Gregorio Duvivier mostra que poesia pode ser prazerosa e divertida nesta ótima homenagem à nossa língua-mãe. Até 7/6, qui a sáb (19h) e dom (16h), com sessões extras em 16/5 (21h30) e 17/5 (18h30). A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

AURORA

*Espetáculo leva obra do cronista Paulo Mendes Campos ao palcos em montagem experimental. Até 24/6, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NOVAS DIRETRIZES EM TEMPOS DE PAZ

*Um imigrante polonês e um oficial da alfândega confrontam suas memórias em meio a um desafio inusitado. Até 28/6, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

UMA VIDA EM CORES

*Em estado de graça, a veterana Rosamaria Murtinho encarna Iris Apfel, empresária do ramo da moda. Até 21/6, sáb e dom (18h). Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, Lj 264). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

PALAVRAS

*Dirigida por Luiz Fernando Lobo, a atriz Tuca Moraes se joga abertamente sobre o abismo de Clarice Lispector. Até 11/6, qui (19h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, s/nº). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Reprodução

Divulgação

Divulgação

Em modo Hsu Chien, o Grajaú vira a Cinecittà

Prolífico realizador sino-carioca junta um elenco colossal, com Marisa Orth e Luiz Fernando Guimarães nos papéis centrais, numa comédia sobre livros, agentes secretos e improvisos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Parece um encontro de titãs ver o Rui de “Os Normais” (que volta aos palcos, nesta sexta, no Teatro Clara Nunes, com a peça “Baixa Sociedade”) ao lado da eterna Magda de “Sai de Baixo”, Marisa Orth, no bastidor de um longa que tem tudo para viver um blockbuster do riso. “É uma história sobre o amor dos imperfeitos, de quem não corresponde às idealizações das redes sociais, num triunfo das pessoas reais”, diz Marisa, que foi homenageada na Mostra de Cinema de Ouro Preto (MG), em 2025, pelo tanto que já fez o Brasil rir... inclusive na telona.

Por mais que seriados humorísticos dos anos 1990 e 2000 piçoquem na nossa mente ao pensar nela e em Luiz Fernando, a começar pela “TV Pirata”, ambos desfilaram pela nata do cinema autoral deste país. Marisa, que esteve no cult “Não Quero Falar Sobre Isso Agora” (1991), filmou mais de uma vez sob as grifes de Lucia Murat e Anna Muylaert. Trabalhou com outras diretoras de prestígio, até algumas que passaram da marca do milhão (de ingressos vendidos), como Carla Camurati e Cris D’Amato.

Já Luiz Fernando, que estrelou dois blockbusters derivados de “Os Normais”, em 2003 e 2009, esteve no foco da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood depois da indicação de “O Que É Isso, Companheiro?” ao Oscar, em 1998. Bebeu no “Bar Esperança” (1983), de Hugo Carvana,

e flanou machadianamente pelas memórias do “Brás Cubas” (1985), de Julio Bressane. Seu currículo de diretores soma ainda Haroldo Marinho Barbosa, Arnaldo Jabor e Domingos Oliveira. “Aí aparece na frente da gente o Hsu, que é um príncipe, e torna tudo no processo leve, em parte por amar loucamente o cinema e ter visto de tudo, e em parte por gostar de resolver os problemas que aparecem num set... e saber resolver”, elogia Marisa.

Luiz Fernando, que cruzou com Hsu ao filmar “Se Puder... Dirija” (2013), tem visão parecida: “Procuro trabalhar com pessoas com características que possam nos preencher, e nunca chego a uma cena engessada. Qualquer resultado bom que se veja na tela, quando faço cinema, será o produto da minha afinidade com o diretor. Aqui, com o Hsu, interpreto uma história de casal na qual o homem que eu faço vê em sua mulher a heroína da vida dele”, define Luiz Fernando.

Ele é o motorista de táxi Ricardo e Marisa, a escritora Viviane. Para contar como essas duas almas se amalgamam, numa rotina onde problemas se engalfinham, Hsu - como praxe em sua obra como realizador, desde “Ninguém Entra, Ninguém Sai”, de 2017 - trouxe uma constelação de talentos, das mais variadas gerações. Tem Carol Castro, Marcelo Adnet, Leandro Lima, Valentina Bandeira, Carmo Dalla Vecchia, Diogo Almeida e uma diva multimídia, que já lotou salas de projeção e cruzou oceanos com a novela “Escrava Isaura” (1976): Lucélia Santos. “A paixão me move e, quando eu me conecto com a fala de uma personagem, nem preciso fazer



A escritora Viviane conta com o auxílio de sua femme fatale, a Agente Sedução (Carol Castro), para enfrentar o Mal

esforço, pois tudo é jogo, embora com muito respeito ao texto”, disse Lucélia ao Correio da Manhã, num set que conta sempre com os auspícios de uma crítica de cinema de fina

tarimba analítica, Janda Montenegro, doutora em Letras pela UFRJ, que virou uma espécie de anjo da guarda do Hsu, no posto de assistente de direção.

Fruto da sinergia entre a distribuidora Imagem Filmes e as produtoras La Duka, Uno, Moro e Bronze, “Um Casal Quase Perfeito” foi escrito por Beatriz Rhaddour e

Josi Areia/Divulgação

ENTREVISTA | NINNA FACHINELLO

CINEASTA

'A violência contra a mulher costuma começar de formas sutis, através do controle'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Ainda que o Brasil não tivesse vozes autorais nacionais em concurso com longas no 79º Festival de Cannes, no mês passado, nossa produção audiovisual impressionou o Marché du Film, área de negócios do evento, com projetos ainda em fase de roteiro e com narrativas filmadas, mas em busca de distribuidores, como foi o caso de "A Versão da Lei", de Ninna Fachinello. Nascida em Porto Belo, no litoral de Santa Catarina, há 35 anos, mas radicada no Rio desde o fim da década de 2000, a diretora brilhou no perímetro de escambos e transações comerciais da Croisette, em maio, ao apresentar um retrato jurídico das pejejas das mulheres, num Brasil repleto de feminicídios.

Logo que voltou, teve seu filme adquirido pela distribuidora holandesa Latin Quarter, em meio ao fórum Rio2C 2026, passando a integrar um catálogo voltado para a difusão do cinema latino-americano em telas estrangeiras.

Produzido pela ColetivA DELAS e rodado no Rio, "A Versão da Lei" acompanha Sol (Tati Vilela), uma advogada especializada na defesa de vítimas de violência que vê seus limites éticos serem colocados à prova ao assumir o caso de uma mãe solo ameaçada por um ex-companheiro. Em fase de finalização, com parte da pós-produção realizada pela O2 Filmes, o longa busca ampliar sua circulação por festivais e mercados internacionais.

Realizadora dos curtas-metragens "Irmã" e "Deságua", Ninna fala ao Correio da Manhã sobre a aposta em narrativas femininas de impacto social.

Que mirada o teu filme traz sobre as lutas femininas de hoje - e de sempre?

Ninna Fachinello - A mirada do filme é profundamente feminina. Nós procuramos construir uma narrativa que conversa diretamente com as mulheres, não apenas no campo emocional, mas também no campo da informação e da conscientização. Apresentamos questões que muitas mulheres ainda desconhecem sobre seus direitos, especialmente dentro das relações conjugais. Quando falamos sobre violência contra a mulher, muitas vezes pensamos apenas nos casos mais extremos, como o feminicídio. Mas a violência costuma começar muito antes, de formas mais sutis, através do controle, da dependência financeira, da manipulação e da violação de direitos. Como a maioria dos feminicídios acontece dentro do ambiente familiar ou afetivo, entendemos que era importante abordar essas questões de forma acessível e humana. Ao mesmo tempo, o filme dialoga com uma luta que é de hoje e de sempre: a busca das mulheres por autonomia, respeito e liberdade para decidir os rumos de suas próprias vidas.

O que a passagem pelo Festival de Cannes assegurou para o futuro do

projeto?

A passagem por Cannes foi transformadora para o futuro do projeto porque, antes de qualquer resultado concreto, ela ampliou a nossa percepção sobre o que é possível. Iniciamos diversas conversas e negociações internacionais, muitas das quais continuam em andamento. Um dos resultados mais significativos foi o fechamento da parceria com a Latin Quarter, que será a agente internacional de vendas do filme, fortalecendo nossa estratégia de circulação e distribuição no mercado internacional. Cannes também abriu portas para novas conexões que continuaram a ser desenvolvidas posteriormente, inclusive durante o Rio2C. Hoje, estamos concentrados na construção da trajetória internacional, trabalhando para realizar uma estreia relevante em festivais e ampliar nosso alcance em diferentes territórios. Cannes mostrou que o filme tem potencial para dialogar internacionalmente.

O que Tati Vilela trouxe de mais possante para Sol?

Que Sol ela acendeu no teu filme?

Tati Vilela é uma atriz que eu acompanho há muitos anos e por quem sempre tive uma enorme admiração profissional. Foi um privilégio contar com ela para interpretar



“A passagem por Cannes foi transformadora para o futuro do projeto porque, antes de qualquer resultado concreto, ela ampliou a nossa percepção sobre o que é possível”

uma personagem tão importante como a Sol. Desde o início, eu buscava para essa personagem uma presença muito específica: alguém que transmitisse força, autoridade e segurança apenas ao entrar em cena. Ela tem uma voz marcante, postura firme e a capacidade de comunicação que passa a sensação de alguém que sabe exatamente o que está fazendo. Sol é uma mulher que dedica a vida a defender outras mulheres. Ela precisa ser forte no trabalho, forte na família e forte diante dos desafios que enfrenta. Ao longo da narrativa, vamos descobrindo suas fragilidades, seus conflitos e tudo aquilo que ela precisa carregar sozinha.

De que maneira, na tua direção, desenha-se um tom de suspense na narrativa?

Embora "A Versão da Lei" seja, essencialmente, um drama sobre mulheres, justiça e relações de poder, eu tinha muito interesse em incorporar elementos de suspense à narrativa. Isso acontece tanto na construção do roteiro quanto na direção. Ao longo do filme, algumas informações, imagens e situações são apresentadas antes que o público compreenda completamente o seu significado. Aos poucos, essas peças vão se conectando e revelando novas camadas da história. Gosto dessa ideia de convidar o es-

pectador a participar ativamente da narrativa, tentando entender como determinados acontecimentos se relacionam e para onde aquela história está caminhando, mas acredito que o principal elemento de suspense vem da própria experiência subjetiva da Sol. Durante o filme, ela está submetida a uma pressão extrema. Existe uma fronteira tênue entre aquilo que ela sonha, aquilo que teme e aquilo que efetivamente acontece. Mais do que criar mistério sobre os acontecimentos externos, o suspense em "A Versão da Lei" nasce da pergunta: até que ponto alguém consegue sustentar o peso de cuidar dos outros sem olhar para si mesma?

Divulgação

Biologia existencialista

Cinco anos depois de dividir opiniões com 'Titane', Julia Ducournau apresenta a plateias brasileiras 'Alpha', uma saga familiar que serve de alegoria para a luta de quem vive com HIV



A adolescente Alpha (Mélissa Boros) ampara seu tio, Amin (Tahar Rahim), que luta contra a falência de seu corpo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Levou um ano e uns quinze dias para "Alpha", longa-metragem mais recente da francesa Julia Ducournau, pudesse alcançar espaço nas telas do Brasil... e, ainda assim, foi graças à sinergia entre a MUBI (plataforma digital, que também distribui) e a O2 Play, unindo talentos e contas para essa joia poder estrear. É uma das pedidas obrigatórias deste fim de semana, em cartaz a partir deste 4 de junho, carregando em seu currículo a conquista do Prêmio da Commission Supérieure Technique de l'Image et du Son da França (CST), no Festival de Cannes de 2025, em duas categorias: Melhor Direção de Fotografia (dada a Ruben Impens) e Melhor Som (confiada a Stéphane Thiébaud).

É um exercício de pura sinestesia que sua diretora trouxe no rastro de "Titane", pelo qual ganhou a Palma de Ouro de 2021, numa das vitórias mais controversas da Croisette, em 79 anos de evento. "Retrato uma realidade pós-industrial em que o capitalismo segregou as pessoas a tal ponto que as coloca umas contra as outras. Foi isso que me levou a dividir 'Alpha' em dois tempos, com cores distintas e níveis de saturação diferentes", disse Julia Ducournau ao Correio da Manhã, em Cannes, onde disputou sua segunda Palma.

Seu doído "Alpha" faz lembrar o trabalho (clínico e literário) da médica Marcia Rachid, autora do obri-



Divulgação

“*Emoções e medos estão expostos na tela enquanto convido o público a se colocar no lugar do outro. Esse é o princípio do cinema que procuro fazer*”

JULIA DUCOURNAU

gatório díptico "Sentença de Vida" e "Vidas Marcadas", editados pela Máquina de Livros a partir de sua vivência no tratamento (e no acolhimento) de pacientes que vivem com HIV. A experiência dela foi essencial (e oracular) na concepção de dramaturgia da minissérie de CEP

brasileiro "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", hoje na HBO Max, da qual foi consultora.

Num dos episódios, ouve-se um diálogo sagaz: "Os filmes de terror não têm heróis; eles têm sobreviventes". Ninguém foge de cutelos em

riste nesse teledrama que também não comporta criaturas monstruosas. O perigo real e imediato ali é o avanço da AIDS, entre o fim dos anos 1980 e início dos 1990, quando o AZT era ainda uma promessa. O Mal, com M maiúsculo, é o preconceito. Seu irmão gêmeo é o ódio.

A estreia dessa narrativa se articula com outros bons filmes com o HIV em seu radar, como "Romería", de Carla Simón; "O Olhar Misterioso do Flamingo" ("La Misteriosa Mirada Del Flamenco"), de Diego Céspedes; e o excepcional "The Man I Love", de Ira Sachs, todos egressos de Cannes. Eles se instauraram mais no âmbito do drama, a falarem de pautas identitárias. Já o visceral "Alpha" se articula de forma mais frontal com os dizeres da supracitada produção do Brasil. Dá voz à luta por sobrevivência num contexto de infecção intravenosa. É o indício de uma onda de expressões artísticas com atenções voltadas para uma doença cujo pior sintoma era - e ainda é - a intolerância.

"Emoções e medos estão expostos na tela enquanto convido o público a se colocar no lugar do outro. Esse é o princípio do cinema que procuro fazer", afirma Ducournau, que chamou a atenção da crítica internacional pela primeira vez em 2016 com Raw, lançado na França com o título original "Grave".

A realizadora rachou sentidos na Croisette, uma vez mais, com "Alpha". A única unanimidade em relação ao que se viu nesse longa, em seu jorro imagético devastador, é o desempenho da jovem atriz Mélissa

Boros. Ela interpreta a personagem do título, uma adolescente de 13 anos que passa por uma fase de clamor do sexo, na descoberta do desejo sexual, sob a recorrente tentação de um colega de escola, num momento em que uma doença transmitida pelo sangue destrói multidões pelas ruas, sobretudo dependentes químicos. A peste se chama Vento Vermelho. É difícil não pensar na AIDS ao ver como o contágio se deflagra, por meio de agulhas infectadas. Golshifteh Farahani e Tahar Rahim interpretam um casal de irmãos. A médica vivida por Golshifteh, chamada só de Maman, precisa ajudar o mano Amin (Rahim, em impecável atuação), que está com os sintomas do tal Vento Vermelho. Sua carne endurece e esfacela, em meio a uma fraqueza crônica. Alpha testemunha seu calvário ao mesmo tempo em que corre o risco de estar contaminada após ter feito uma tatuagem sem a higiene adequada.

Exibido ainda no BFI London Film Festival e no Festival de Busan, na Coreia do Sul, "Alpha" ampliou o prestígio de Ducournau como diretora autora. Ela enxerga o corpo como sendo um lugar de revelações e de transcendência, a julgar pelo processo revolucionário que suas protagonistas passam a partir de um gatilho de seus organismos.

O que Julia tem feito em seu cinema é uma aula de biologia existencialista. Não se esqueça de que, em "Titane" (hoje no www.mubi.com), a protagonista engravida de... um carro... e expele óleo diesel pelas pernas.

CRÍTICA FILME | MESTRES DO UNIVERSO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

negavelmente divertido, embora prejudicado (lá pelo meio) por uma escolha infeliz de paleta de cores na fotografia e na direção de arte, a adaptação em live action das aventuras animadas de He-Man foi gestada numa esquizofrenia (moralizante), que engessa sua dramaturgia. Nota-se uma aflição para se enxertar o roteiro com tiradas abrasivas (e depreciativas) contra toda e qualquer representação da masculinidade, a começar do empenho para se destroçar figuras paternas.

A própria escolha de nome do herói, que acentua o “ele” (he), é alvo de troça, a se impor uma conexão entre os signos de virilidade com a caricata ideia de machulência que as redes sociais adoram trucidar. O que poderia vir como ironia sutil se descortina em dinâmica expositiva, quase didática, o que torna o deboche – e a desconstrução de um símbolo infantil da Era Ploc, os anos 1980 – artificial.

Essa toda esquizofrênica de aversão ao fálico avança pela figura do Esqueleto, que na atuação do Oscarizado Jared Leto (de “Clube de Compras Dallas”), oscila entre dois diapasões: ora parece um ser do Mal de proporções épicas, ora soa como um daqueles vilões dos Trapalhões vividos por Carlos Kurt. É mais uma seqüela da necessidade que a longa-metragem tem de ser politicamente ativa (ativista até) nas pautas do Contemporâneo.

O problema é o pavimento que se encontra ali. “Masters of the Universe” (o título original da superpro-

O ‘Eu tenho a força!’ engasga no patrulhamento



Duncan (Idris Elba) dá ao Príncipe Adam (Nicholas Galitzine) instruções de combate no divertido (mas esquizofrênico) ‘Mestres do Universo’

dução, orçada em cerca de US\$ 170 milhões) é uma linha de bonecos, que a Mattel pôs à venda em 1982, a explorar os signos da ficção capa &

espada, tipo bárbaros vs. magos. A estrutura dramática que calçou aquelas action figures (brinquedos) só nasceu em 1983, na série de de-

senhos da Fimation. Em 130 episódios, lançados até 1985, o seriado mapeou o mundo de Eternia, com suas feitiçarias, sua monarquia para-

doxalmente democrática e seu inimigo jurado, o tal Esqueleto (agora dublado por Luiz Carlos Persy). Na TV, essa realidade paralela ganhou vida pelas leis da mais lúdica fantasia, num maniqueísmo que se apoiava num colorido vivíssimo, a fim de pintar aquele planeta como um Éden estelar. Até o Castelo da Serpente, o QG do esquelético ferabrás, era multicolor. Tudo o que se vivia, capítulo a capítulo, num dinamismo procedural (o jargão para tramas que abrem e se fecham num episódio, sem continuar no seguinte), guiava-se por uma estrutura esópica de “moral da história”. Ao fim das correrias, He-Man “quebrava a quarta parede” (isto é, falava diretamente com o público da poltrona) e dava uma lição, numa linha pedagógica do “isto é certo”, “isto é errado”.

O patrulhamento que assombra o filme “Mestres do Universo” não tem essa grandeza. Ele se pulveriza entre frases e ações de uma narrativa, dirigida pelo animador Travis Knight, na qual o Príncipe Adam (a força da natureza Nicholas Galitzine, em estado de graça no papel) retorna à Eternia, depois de 15 anos preso nos EUA, para salvar seus compatriotas do Esqueleto. Idris Elba toma o trecho inicial para si no papel do Mentor, pai da guerreira Teela (Camila Mendes, de DNA brasileiro) e estrategista bélico. Depois, a festa fica na conta de Galitzine e de Garcia Junior, seu dublador genial (o mesmo lá da década de 1980), com seu “Eu Tenho a Força!”. Ele resguarda a riqueza de um filme que podia ser bem mais do que é, não fossem os cabrestos.

CRÍTICA FILME | O BOLO DO PRESIDENTE

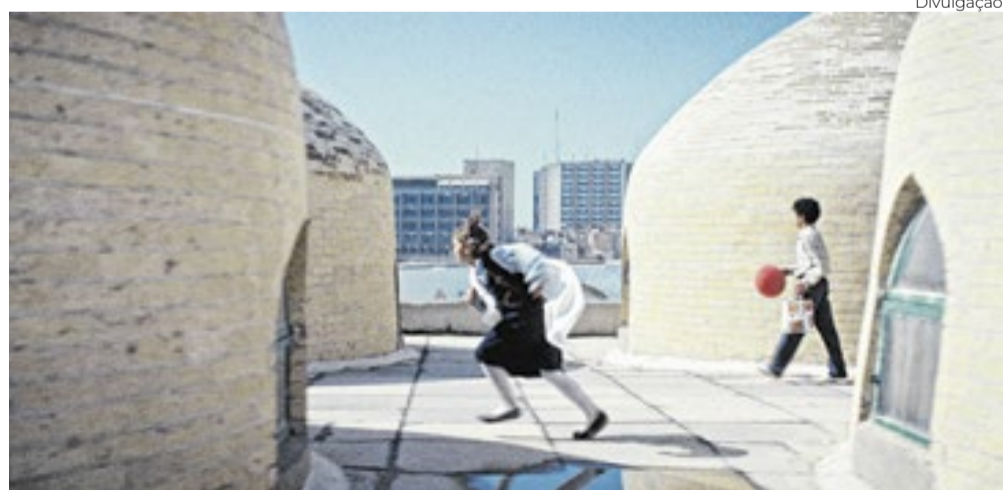
Fermento geopolítico

Do Irã todo mundo espera filme bom, vide “Foi Apenas Um Acidente” (Palma de Ouro de 2025), hoje na MUBI, mas, do Iraque, de lá ninguém sabe que tipo de curta ou longa-metragem esperar. Por conta dos conflitos contra os Estados Unidos, em especial o embate envolvendo o Kwait nos anos 1990, pouco se vê (ou se conhece) da produção audiovisual iraquiana, o que fez da carreira internacional da aventura em tons dramáticos “O Bolo do Presidente” (“The President’s Cake”) um acontecimento.

Maior achado da Quinzena de

Cineastas de Cannes do ano passado, essa produção despontou primeiramente como iguaria e, depois, firmou-se uma certeza de excelência. Coube a ele o cobiçado troféu Caméra d’Or, espécie de Palma para estreados. Seu diretor, Hasan Hadi, recém-chegado ao formato dos longas-metragens, foi recompensado ainda com a láurea de júri popular da Croisette.

Venceu por uma narrativa que mistura algo do “era uma vez...” típico das fábulas com um neorealismo de raiz. Faz lembrar “O Balão Branco” (1995), pela sua matriz de



Em ‘O Bolo do Presidente’, Lamia (Banin Ahmad Nayef) corre como pode para fazer o doce que sua escola ordenou

heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos. Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo.

Não se trata de um bolo qualquer. É o bolo de aniversário para...

Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Estamos no início dos anos 1990 e está chegando o dia 28 de abril, data em que o Iraque era obrigado (por lei) a celebrar o aniversário do governante. Em meio a essa comemoração, Lamia, paupérrima, tem que fazer o doce do

título (com recheio de creme) para o colégio. Se não o fizer (e bem), cai em desgraça. O problema: cadê a grana para os ovos, o fermento, o leite? Pior ainda: cadê a dignidade do microcosmos da opressão a seu redor? Tais perguntas rendem peripécias e ínguas geopolíticas. (R. F.)

Trocas literárias no Centro



Os jornalistas e escritores Ruy Castro e Marcelo Moutinho são destaques da programação literária no Largo de Santa Rita

Beco das Sardinhas recebe neste sábado mais uma edição da Feirinha Literária da Santa Rita

AFFONSO NUNES

O Beco das Sardinhas, no Centro, recebe neste sábado (6) a Feirinha Literária da Santa Rita — um evento mensal que

mistura a tradição da boemia carioca com conversas sobre livros e ideias. O destaque da edição é a presença de Ruy Castro, biógrafo de Mané Garrincha e Nelson Rodrigues. Ele participa da conversa “De letra: futebol e literatura” ao lado de Manu da Cuíca e André Salviano, mediados por

Carolina Walliter.

A mesa promete explorar as conexões entre o universo do futebol e a criação literária — um território que Castro conhece bem, tendo dedicado livros inteiros a figuras que marcaram tanto o esporte quanto a cultura brasileira.

Outra conversa relevante é “Histórias da gente: a periferia é o centro”, que reúne Marcelo Moutinho, que acaba de lançar “Gentinha”, um livro de contos sobre dramas de pessoas comuns nas margens da cidade. Ele con-

versa com Dani Ribeiro, escritora e artista visual que apresenta “Chá de Dentro”, resultado de uma residência literária do Bando Editorial Favelofágico, e Juliana Correia, pesquisadora de culturas de matriz africana e também escritora. A mediação fica com Henrique Rodrigues, curador do evento.

A programação segue com “Poesia: modos de usar”, mesa que reúne MC Martina, Luiz Barros e Vitor Miranda para discutir diferentes formas de expressão em versos, mediada

por Diogo Franca. O dia encerra com o “Sarauão da Feirinha”, espaço aberto para apresentações poéticas de diversos artistas.

E quem quiser aprofundar em técnicas narrativas pode se inscrever no workchope “A narrativa de mistério e o mistério da narrativa”, conduzido por Braulio Tavares. A atividade acontece das 13h às 15h no segundo andar do restaurante Ibéricos e custa R\$ 100, com direito a um chope incluído. As inscrições são limitadas.

A Feirinha é promovida pelo Instituto Caminhos da Palavra, com curadoria de Henrique Rodrigues. O projeto nasceu de uma parceria entre Rodrigues e o agitador cultural Raphael Vidal, com a proposta de criar um espaço regular — diferente de eventos espaçados — que convida cariocas a sair de casa para conversar sobre livros. “A Feirinha une a tradição da boemia carioca com a escuta e a convivência, fortalecendo a economia local”, explica Vidal.

O evento acontece todo segundo sábado do mês no Largo de Santa Rita. Excepcionalmente em junho, será realizado no primeiro sábado.

SERVIÇO
FEIRINHA LITERÁRIA DA SANTA RITA

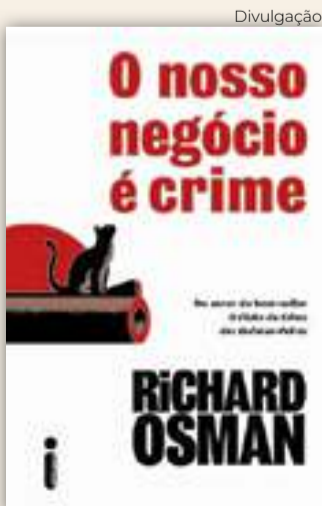
Largo de Santa Rita – Centro 6/6, das 11h às 18h
Entrada franca
Workchope: “A narrativa de mistério e o mistério da narrativa”, das 13h às 15h. R\$ 100, inscrição pelo (21) 98816-7955

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

INVESTIGAÇÃO DESAFIADORA

Séries com o mesmo detetive desvendando mistérios são quase clichê na literatura policial, mas o roteirista britânico Richard Osman não quis se limitar ao grupo de idosos do Clube do Crime das Quintas-Feiras, que protagonizam quatro livros. Em “O nosso negócio é crime” (Intrínseca, R\$ 79,90), à frente de investigações está a inusitada dupla formada por um ex-policial e sua nora, que trabalha como segurança para ricos. Viúvo aposentado, Steve Wheeler se dedica a procurar animais desaparecidos no vilarejo onde mora até que a nora Amy o convoca a buscar um assassino perigoso que deixou para trás um cadáver e uma bolsa de dinheiro.



EXPERIÊNCIA EM PROSA

Em sua estreia como contista, Cesar Carcia Lima imprime nas histórias reunidas em “Se você não tem paz interior então você vem aqui pra capital” (Sete Letras, R\$ 47) o requinte característico de sua poesia. O cenário urbano é o fundo de muitos desses contos, que incluem uma deliciosa fantasia sobre Clarice Lispector e a criação de uma das suas mais marcantes personagens, além de apresentar o romantismo antiquado, diverso e presente no agitado cotidiano de singulares habitantes da megálpole. Entre essas figuras do dia a dia estão tanto alguém que decide sumir no mundo, buscando uma nova vida, e o escritor Anton Tchecov como coadjuvante no destino de sua viúva.



QUEM LÊ TANTA NOTÍCIA

Em tempos de inteligência artificial, algoritmos determinando os temas das redes sociais e jornalismo em tempo real, como filtrar a informação? Distinguir o fato da manipulação midiática é a proposta da jornalista e professora Sylvia Moretzsohn em “Eles não querem que você saiba – Armadilhas da desinformação” (Ação Editora, R\$ 44,90). No contexto da “pós-verdade”, crenças têm prevalecido sobre evidências até no noticiário. O livro é parte da coleção Argumentos, que busca incentivar a reflexão crítica e o questionamento, premissa do desafio diário de desvendar a informação falsa da verdadeira diante da falta de regulação da Internet, principalmente em um ano eleitoral.



SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Corpus Christi e o cavalo de São Jorge

Imagem criada com a IA Nano Banana



Há uma injustiça histórica que precisa ser reparada. No Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX, quando Corpus Christi era a maior festa pública da cidade e a procissão do Corpo de Deus transformava as ruas do Centro num grande teatro a céu aberto, havia um personagem indispensável que acabou esquecido pelos livros: o cavalo de São Jorge. O santo ganhou igrejas, velas, feriado, samba, devoção popular e milhões de fiéis. O cavalo ganhou o silêncio dos arquivos. O que é curioso. Porque, se formos rigorosos, era ele quem corria os maiores riscos.

A tradição vinha de Portugal. Desde o século XIV, São Jorge, padroeiro do reino português, abria a procissão de Corpus Christi montado a cavalo. Quando a Corte portuguesa se instalou no Rio de Janeiro, em 1808, trouxe consigo o costume. E foi assim que um animal que provavelmente só queria

pastar em paz acabou recrutado para uma das cerimônias mais importantes da cidade.

Imagino que nunca lhe tenham perguntado se desejava participar. Em algum momento, um funcionário sem-noção da Coroa deve ter apontado para o cavalo mais vistoso disponível e

decretado:

— É esse.

Pronto. De uma hora para outra, o animal passava a carregar nas costas um santo de madeira vestido com tecidos luxuosos, adornado com ouro, pedras preciosas e todas as honras que a monarquia portuguesa julgava necessárias para impressionar seus súditos.

Hoje chamaríamos isso de ambiente hostil de trabalho. Na época, chamavam de solenidade religiosa.

O cortejo saía pelas ruas estreitas do Centro do Rio, cercado por milhares de pessoas. Havia tropas perfiladas, irmandades religiosas, nobres, funcionários da Corte, músicos, tambores, sinos e foguetes.

Muitos foguetes. O que nos leva a uma pergunta que aparentemente ninguém fez na época: quem teve a ideia de colocar um cavalo no meio disso tudo? Os relatos dos cronistas sugerem que o plano nem sempre funcionava. Assustado pelo barulho, o animal empinava, desviava, acelerava ou simplesmente tentava convencer seus organizadores de que aquela era uma péssima ideia. Não raro, a imagem de São Jorge balançava perigosamente sobre a sela. Em algumas ocasiões, o santo acabava no chão.

É uma cena que os pintores da época tiveram o bom gosto de não eternizar. Imaginem o constrangimento. De um lado, autoridades tentando preservar a majestade da cerimônia. Do outro, um cavalo em pleno exercício do direito de discordar.

Os soldados corriam para conter o animal, recolher pedaços da ornamentação e restaurar a dignidade da procissão antes que a situação piorasse. O que provavelmente significava que a situação já havia piorado.

Talvez seja por isso que gosto tanto dessa história. Ela nos lembra que, por mais grandiosos que sejam os planos humanos, sempre existe a possibilidade de um cavalo estragar tudo. A monarquia podia organizar o desfile. A Igreja podia preparar a liturgia. Os nobres podiam vestir seus melhores trajes.

Mas bastava um foguete estourar mais perto do que devia para que toda a pompa do Império passasse a depender do humor de um quadrúpede assustado.

Com o tempo, a tradição foi perdendo espaço e vetaram o bicho da procissão. Não sabemos o que ele achou da decisão. Mas é difícil acreditar que tenha protestado. Na verdade, gosto de imaginar que foi o único participante verdadeiramente satisfeito com o fim da tradição.

Enquanto padres discutiam, autoridades deliberavam e cronistas registravam a mudança, ele talvez estivesse em algum estábulo do Rio mastigando tranquilamente sua ração e pensando:

— Até que enfim.

Ou talvez exista, em algum canto da eternidade, um céu reservado aos animais que prestaram relevantes serviços à História sem jamais receber o devido reconhecimento. Se existir, o cavalo de São Jorge certamente está lá. A aposentadoria foi merecida. Porque derrotar dragões é uma coisa. Atravessar o Centro do Rio em dia de Corpus Christi era outra bem diferente.